

Palhostock e suas representações através dos jornais

Clarissa Pacheco¹

Grazielle Cristina Dos Santos Weege²

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Em outubro de 1974 a cidade de Palhoça, Santa Catarina recebeu um festival de música que foi um marco para a juventude em geral, e que, repercutiu em vários estados atraindo jovens de todo país e até mesmo fora dele. Mais tarde recebeu o nome de 'Palhostock'. O evento foi registrado por vários veículos de comunicação da época e principalmente em jornais. Objetivando realizar uma reflexão sobre os vários desdobramentos do evento e principalmente como um movimento de contracultura da década de 70, analisaremos alguns recortes de jornais que tratam do evento e transparecem distintas representações.

Palavras chaves: Contracultura; Festival; Palhostock; Santa Catarina.

Abstract: In October 1974 the city of Palhoça, Santa Catarina received a music festival that was a milestone for youth in general, and that was reflected in several states attracting young people from all over the country and even outside it. Later given the name 'Palhostock'. The event was recorded by various media of the time and especially in newspapers. Aiming to develop a reflection on the various ramifications of the event and especially as a counterculture movement of the 70s, we analyze some newspaper clippings dealing with the event and distinct representations are revealed.

Key-words: Counterculture; Festival; Palhostock; Santa Catarina.

Na primeira metade da década de setenta encontramos uma juventude que vivia a sombra de um regime político ditatorial, e em contrapartida, bebiam dos ideais de liberdade amplamente divulgados na década de sessenta. Muitos festivais aconteceram em nosso país, mesmo em face da repressão instituída, aglomeravam-se no campo ou pequenas cidades divulgando elementos da vida natural e de contracultura³. Nesse interim os festivais de rock

1 Clarissa Pacheco, e-mail: sgscissa@hotmail.com.

2 Grazielle Cristina Dos Santos Weege, e-mail: grazielleweege@hotmail.com.

3Numa definição do termo, a Contracultura, nas palavras Luís Carlos Maciel – colaborador do Pasquim nos anos 1970 entre outros jornais *underground*, além de autor de diversos livros sobre o assunto, é a seguinte: “O termo, ‘contracultura’ foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente. Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma ‘anticultura’.” PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. Editora Brasiliense S.A., São Paulo, Brasil, p.13

abriam novas possibilidades para os jovens compartilharem esses novos ideais. A cultura presente de “rebeldia frente ao sistema, de um estilo de vida despreocupado e do pé na estrada”⁴, permeou a vida de pessoas que deslocavam-se por grandes distancias para curtir festivais, e também para conhecer novos lugares e pessoas. Foi esse contexto que embalou o ainda pouco discutido, ‘Palhostock’, um evento musical ao ar livre ocorrido na cidade de Palhoça em outubro de 1974.

Ao abordarmos o evento ocorrido na cidade de Palhoça, situada na Grande Florianópolis, é importante destacar aspectos políticos característicos da região na época. Mesmo tratando-se da Ditadura militar instituída em nosso país, Florianópolis não era vista como grande ameaça. Conservava ainda elementos interioranos, o que de certo modo não atraía grande acompanhamento de organismos como o DOPS⁵. Deste fato não subtede-se que a repressão aqui não ocorreu. E tão pouco concordamos fundamentalmente com ramos da historiografia catarinense que minimizam ações da ditadura no estado. Porém os aparelhos repressivos em Santa Catarina eram menos organizados se comparamos a grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. É sabido que pessoas foram presas e torturadas em nosso estado, mas que a investida dos militares mostrou-se menos acentuada.

Palhoça, nos primeiros anos da década de 70, era uma cidadezinha pacata e com pouco mais de 30mil habitantes, não imaginava o que estaria por vir. Em 1974 a população da cidade já podia ver os inúmeros cartazes espalhados pela cidade que informavam sobre o Palhostock, um festival de música que aconteceria ali nos dias 19 e 20 de outubro daquele ano. Esse festival nasceu da vontade de três jovens catarinenses inspirados na contracultura, no movimento hippie e, claro, num dos maiores festivais de música dos últimos tempos: o *Woodstock 69*. Baldicero Filomeno, Jacob Silveira e Edgar Scheidt vencendo todas as dificuldades impostas trouxeram pra cá um pouco da rebeldia, da luta contra o sistema e de rock’ rol para Palhoça.

Os três amigos partiram então em busca de apoio para a realização do festival. A primeira cidade a ser cogitada para a realização do evento foi Florianópolis, mas a prefeitura não viu como o evento pudesse beneficiar realmente a cidade. Quem comprou a ideia foi o prefeito Odílio José de Souza que tinha como um dos objetivos de seu mandato, a

4SILVA, Paulo Valério M. da. *O movimento da contra cultura em Santa Catarina: Palhostock – 1974, um festival de paz, amor e música*. Florianópolis, 2004. P. 28

5 Departamento de Ordem Política e Social.

modernização da cidade e, viu no Palhostock uma porta para atrair turistas e investimentos projetando Palhoça nos meios de comunicação da época.

A partir desse apoio fundamental da prefeitura os três organizadores começaram a se dedicar integralmente ao evento, deixaram temporariamente seus empregos⁶ e até chegaram a vender alguns pertences para investir no projeto. A prefeitura ajudou com a instalação de água, a armação dos tablados, divulgação e, claro, apoiou incondicionalmente a festa.

Mesmo com a boa vontade do prefeito em apoiar o Palhostock, ainda faltava para que o show se realizasse o som, a iluminação e local. O Guarani, clube da região, ofereceu uma área ampla e sem arquibancadas: o Estádio Renato Silveira. A iluminação foi emprestada pelo Teatro Álvaro de Carvalho, porém ainda faltava o som. Para um evento desse porte não havia ninguém na região que pudesse emprestar e, muito menos alugar o equipamento. Os organizadores então tiveram que alugar o potente equipamento em São Paulo e, que inclusive foi a potência do som uma das maiores propagandas do festival.

Um dos elementos mais surpreendentes no curso da festa foi o apoio da Polícia Militar e do Exército Brasileiro. Quem diria que no auge da repressão dos primeiros 5 anos da década de 70, o exército daria apoio a um festival de rock. Talvez os mesmos não tivessem a verdadeira noção do que realmente estaria por vir. Inclusive quem ficou a cargo da segurança do evento foram as Polícias de Florianópolis e Palhoça, que além de salvaguardar o Palhostock, a banda da polícia foi a primeira a se apresentar no evento.

Os ingressos começaram a ser vendidos antecipadamente ao preço de CR\$15,00⁷ para os dois dias, o que gerou reclamação dos jovens que acharam o preço um pouco alto ao contrário obviamente dos organizadores, que achavam o valor justo para dois dias de show. Para desespero dos organizadores dias antes do evento o Estádio do Guarani já estava lotado de pessoas e barracas que não haviam comprado ingresso e, como ainda não havia segurança no local se instalaram tranquilamente. A polícia até tentou pedir com que se retirassem, mas de fato isso não aconteceu. Os portões então foram fechados e os ingressos só foram cobrados de quem ainda não tinha entrado.

As 21 horas do dia 19 de outubro de 1974⁸ teve início o Palhostock. Uma multidão se espremia no portão do estádio na tentativa de conseguirem entrar sem pagar, alguns até

6 Música da pesada em Palhoça promete sacudir as estruturas do campo do Guarani. *O Estado*, Florianópolis, 09 out. 1974.

7 Maratona de Som. *O Estado*, Florianópolis, 19 out. 1974.

8 Palhoça passa a noite ao som do seu primeiro Festival Pop. *O Estado*. Florianópolis, 20 out. 1974.

tentaram atravessar a nado o rio que passava rente ao local do evento. Desde as primeiras horas da manhã as ruas de Palhoça estavam tapadas de carros, motos e pedestres, a BR 101 estava totalmente engarrafada. O evento havia transformado o trânsito do local e da região numa verdadeira confusão. O que se via ao longo das vias eram centenas de mochileiros cabeludos e vestidos com roupas espalhafatosas.

As bandas que se apresentaram no Palhostock foram: Bicho de Seda e Almôndegas de Porto Alegre; Capuchon, Sidharta, Som nosso de cada dia e Comunidade de Florianópolis e, Mostarda de Joinville⁹ e claro, a abertura com a banda da Polícia Militar. Teve inclusive um músico que deixou de se apresentar por motivo de perseguição militar.

Mas o Palhostock não foi somente música. Juntamente ao evento ocorreram pela cidade “exposição de artesanato *hippie*, pinturas e fotografias, projeção de slides, desfiles de roupas e alguns números isolados de ‘artistas’ que saíam do meio do público”¹⁰. A polêmica apresentação da banda da Polícia Militar causou um verdadeiro espanto no público. Ela aconteceu num misto de vaias e aplausos e, seguida em marcha pelo público na hora da volta olímpica. A maioria dançou e cantou com a banda, muitos entregavam flores aos policiais.

A improvisação esteve presente no decorrer de todo Palhostock. Após a abertura do evento estava na hora de começarem as bandas, porém não havia uma ordem pré-estabelecida e muitos não queriam abrir o evento. Enfim, a banda Capuchon de Florianópolis foi a primeira banda a tocar, o que foi um grande sucesso. A banda tinha na guitarra e nos vocais uma menina, o que era raro na época. Os músicos da Capuchon apesar do sucesso da apresentação tocaram a título de autopromoção e nada receberam para cantar no festival.

Outra banda que fez um grande sucesso foi Bixo da Seda, ela tocou um rock elétrico e pesado influenciados pelo ‘movimento progressivo’. A banda gaúcha Almôndegas que contava com presença e liderança dos irmãos Kleiton e Kleidir, também agradou bastante o público. O grupo Kahos de Porto Alegre também era muito popular entre os jovens, a banda unia música folclórica com pop.

Dadas as caracterizações do evento enseja-se abordar o modo como o tema foi tratado em jornais que circularam no ano de setenta e quatro e outros mais recentes em comemoração aos aniversários do evento. Ao trabalhar com este tipo de fonte faz-se necessário analisar os diferentes espaços em que o tema aparece, seja em colunas específicas para discuti-lo ou em

9 MENEZES, Cacau. Os dez anos do festival pop de Palhoca. *O Estado*, Florianópolis, 21 out. 1984.

10 MENEZES, Cacau. Os dez anos do festival pop de Palhoca. *O Estado*, Florianópolis, 21 out. 1984.

campos considerados “neutros” dos jornais. É importante buscar responder outras questões como: que críticas são feitas? O que é elogiado? O que se diz sobre os jovens que frequentaram? Como foram caracterizados? Qual o significado mais geral das discussões nesses jornais?

Ao optar por jornais cabe esclarecer que são importantes documentos onde se pode ler, conhecer e interpretar diferentes acontecimentos da nossa história. Nesse sentido utiliza-se o argumento de Maria Helena Capelato (1988) que esclarece que a imprensa é um importante “agente da história” onde pode ser captado o “movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais”¹¹.

A intenção aqui é apontar como o Palhostock recebeu diferentes representações através desses veículos de informação. Representações que ao serem lidas indicam como se pensava, como se vivia, qual o debate feito sobre este assunto. Para o uso de tal conceito de representação apoia-se na definição de Roger Chartier, para o autor as representações “são esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras, às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”¹².

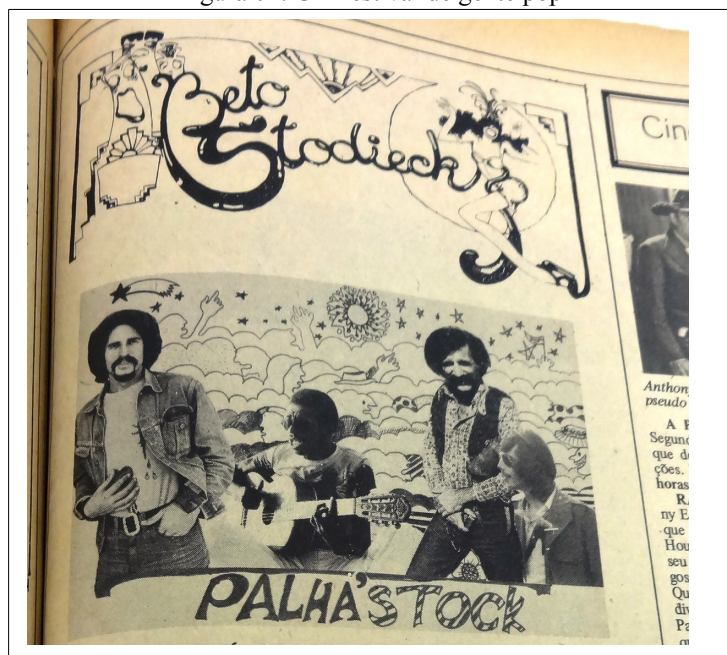
De “I Festival de Música Pop”, o nome do evento transformou-se partir de uma brincadeira na coluna de Beto Stodieck¹³ em “Palhostock”. Alguns atribuem essa mudança em função da repercussão geral e, por ter ocorrido aos moldes de Woodstock, onde muitos jovens acamparam ao ar livre, com suas roupas coloridas e pregando ideais de liberdade. Como segue na imagem do Jornal O Estado:

11 CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 13

12 CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988, p. 17

13 STODIECK, Beto. *O Estado*. Florianópolis, 19 de outubro de 1974, p. 11

Figura 01: Um festival de gente pop



Fonte: *Folha da Manhã*. Porto Alegre, 22 outubro de 1974.

Beto Stodieck teve o privilégio de presenciar os acontecimentos, participar das “muitas horas de loucura” e, assim como ele, milhares de jovens – incluindo os provenientes do Paraná, Rio Grande do Sul e outros estados do Brasil (alguns jornais chegaram a anunciar até mesmo a presença de “gringos”). Este fato ocorreu em função da divulgação do festival por diversos jornais, dentre eles: O Estado/SC, Correio Lageano/SC, Correio do Povo/RS, Folha da Manhã/RS, Zero Hora/RS e possivelmente outros. O próprio Beto descreve o evento:

Entre tantas outras coisas que a gente poderia falar, afinal foram muitas e muitas horas de grande loucura (e eu lá estava, acampado também), não posso me esquecer de dizer que o povo da Palhoça foi sensacional, não se espantando, em momento algum, com tão grande e ouriçado número de ‘visitantes’. – Um destaque que todos notaram: as torres prateadas da igreja combinam perfeitamente com as coloridas flores que enfeitam o bem cuidado jardim da Palhoça. Aliás, a cidadezinha, de agora em diante, poderá definir sua história, como ‘antes e depois do Festival de Música Pop’. 1974, sem dúvida, foi um ano definitivo para as cozinhas palhocenses¹⁴.

Fica evidente como foi um momento marcante para muitos jovens. O relato poético de Beto Stodieck se insere no calor de quem estava ali para ‘curtir’ o festival. Desse modo pode-

14 STODIECK, Beto. Um Festival de gente pop. *Folha da Manhã*. Porto Alegre, 22 outubro de 1974.

se imaginar a sensação que aquele evento causou tanto para as pessoas que estiveram ali, integrando o festival, quanto para os moradores da então ‘pacata cidadezinha’. Imaginamos a emoção dos organizadores: Edgar Scheidt, Jacob Silveira e Baldicero Filomeno Junior que empenharam esforços para a realização do festival. Beto Stodieck disse que o “povo da Palhoça” não se espantou em momento algum. Podemos até suspeitar de um certo exagero da parte dele, tendo em vista que naquela época a cidade possuía hábitos rurais, sendo que, de seus 20.652 habitantes, apenas 6.397¹⁵ moravam no espaço urbano, o que nos leva a pensar que Palhoça não estivesse tão preparada para receber tal evento. Além disso, as pessoas dormiam cedo devido ao trabalho exaustivo “nas plantações de batata e tomate ou nas indústrias de cerâmica”¹⁶.

Palhoça era ‘pequena’ e ‘pacata’, e de repente foi invadida por “uma multidão de jovens cabeludos de roupas espalhafatosas vindos dos mais diferentes lugares”¹⁷. Naquela época havia pouco o que fazer na cidade, então “a turma se reunia na casa do Edgar para escutar os discos do Beatles, Rolling Stones, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, (...), e que lá era o *point* da turma para discutir as notícias que chegavam por último (...) e queriam movimentar a juventude da época (...)”¹⁸. Aos moldes do que vinha acontecendo no mundo e principalmente o Woodstock, os três resolveram fazer algo inusitado para o momento. Segundo um dos organizadores do evento, Baldicero, em Palhoça ‘não acontecia nada’ era um ‘marasmo’ na região. Como eram amigos íntimos e compartilhavam o dia-a-dia de suas vidas, (...) “éramos jovens com muitas ideias e poucos recursos para fazer acontecer, então resolvemos fazer algo diferente (...)”¹⁹. Como consta os três jovens se desfizeram de alguns de seus bens e tiveram que “abandonar temporariamente seus empregos”²⁰ para preparar o evento que tinha por finalidade a “arte e a movimentação.”²¹ Contaram com o apoio da prefeitura municipal, o Deatur²² e a Pepsi²³.

15 MARTINS, Alexandre. *Palhostock: o woodstock catarinense*. Monografia. Udesc. 2001. p. 39. Segundo pesquisa do autor no IBGE, a população refere-se a década de 70.

16 PEREIRA, André. O som da música pop invadiu Palhoça. Foi um Barato. *Zero Hora*, Porto Alegre, n. 3316, 21 out. 1974. p.25.

17 MENEZES, Cacau. Os 10 anos do /festival “Pop” de Palhoça. *O Estado*, Florianópolis, 21 out. 1984.

18 MARTINS, Alexandre. *Palhostock: o Wodstock catarinense*. Monografia. Udesc. 2001. p. 34.

19Ibidem, p.34.

20 O Estado. Música da pesada em Palhoça promete sacudir as estruturas do campo do guarani. Florianópolis: *O Estado*, ed. 09 out. 1974, p. 16.

21Ibidem, p. 16.

22 Divisão Especial de Atendimento ao Turista.

23Ibidem, p. 16.

Como o evento foi recebido pela pequena população? Segundo o jornal Zero Hora “houve motivos de sobra para críticas acirradas; E para elogios exagerados”²⁴. De um lado os adeptos do festival, organizadores, participantes e simpatizantes; do outro, os contrários ao evento, principalmente os que tentavam preservar os costumes tradicionais da cidade. Ao prefeito na época, Odílio José de Souza, com 36 anos, eleito pelo MDB²⁵, agradou a ideia e ele resolveu contribuir com o evento. Apresentando-se como inovador e tendo como área de prioridade do seu mandato a educação, o turismo e a industrialização, acreditava que o festival divulgaria o nome da cidade e modernizaria os costumes. Além disso, havia algumas pessoas que defendiam que o festival traria dinheiro para o comércio local.

Mas nem todos estavam dispostos a modernizar os costumes da cidade. Segundo Jacob Silveira, Palhoça “sempre foi e ainda é conservadora”²⁶. Não foram poucos, portanto, os comentários sobre os jovens que estavam presentes no festival. Uma moradora de Palhoça comentava: “eles são sujos, tem cara de gente perdida que não sabe o que quer da vida. Meus filhos não andam assim”²⁷. A fala faz alusão ao estilo de vestimenta dos jovens, o estilo *hippie*, associado a sujeira, a roupa estranha, à barba e os cabelos longos. Outros homens que se encontravam próximos a entrada do local onde se realizava o evento temiam “o exemplo negativo destes maconheiros e destas moças assanhadas para a juventude da cidade”²⁸.

Dentre todas as opiniões posteriores sobre os efeitos do festival, talvez a mais pesada e negativa seja a de Juarez Nahas, ex- promotor de justiça. Ele afirma que na realização do festival:

não ocorreu nenhum benefício cultural, enfatizando que a filosofia hippie naquela época era considerada fora dos padrões estabelecidos na sociedade, e que aquele comportamento era totalmente distorcido por seguirem as normas do sexo, drogas e rock n’ roll²⁹.

A partir de uma visão unilateral e distorcida do estilo *hippie* e preocupado com os costumes e valores da cidade, Juarez Nahas via naquela juventude algo de negativo,

24 Zero Hora. Os jovens enfrentaram tudo para participar do festival. Porto Alegre: *Zero Hora*, 21 out. 1974.

25 Movimento Democrático Brasileiro

26 MARTINS, op. cit., p. 42.

27 Zero Hora. Os jovens enfrentaram tudo para participar do festival. Porto Alegre: *Zero Hora*, 21 out. 1974.

28 MOSMAMM, Carlos. Festival de música deixou Palhoça mais alegre. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 22 de out. 1974. P. 23

29 MARTINS, op. cit., p. 42.

acrescentando ainda que o “Festival de Música em Palhoça, foi o grande responsável pelo aparecimento das drogas no município, e que o Palhostock foi o marco da entrada das drogas na Palhoça”³⁰. As palavras do ex-promotor são um bom exemplo de como a memória avalia o passado com os olhos do presente. Percebendo que a cidade cresceu e que, juntamente com esse crescimento, houve um aumento do consumo de drogas, ele resolve apontar aquele evento como a porta de entrada das drogas na cidade. Seu olhar se move partindo de quem se situa no espaço estriado, ou seja, representante da lei e da ordem. Assim, o festival de música parece ser mesmo um grande divisor de águas em Palhoça: primeiro Beto Stodick afirma que a história de Palhoça poderia definir-se entre ‘antes e depois do Festival de Música Pop’ de 1974; depois, o ex-promotor afirma que foi o marco de entrada das drogas na cidade. Sem sombras dúvida, o evento teve sua importância e os organizadores os seus méritos. No entanto, não houve continuidade, foi um fragmento.

Sem supervalorizar a crítica do ex-promotor, veremos claramente que o festival trouxe algo mais; encantou alguns moradores, como anunciava a Folha da Manhã/RS de 22 de outubro de 1974: o “festival de música pop deixou a cidade mais alegre”³¹. Entre esses moradores estava Dilson Tavares Filho que afirmava: “nunca tinha acontecido nada parecido em Palhoça. Nem na minha vida. Apesar dos cabelos e das roupas, esses guris são gente educada. Cheguei até ganhar uma flor de um moço, imagine só”³². Ao que parece as roupas e os cabelos dos jovens chamavam mais atenção que suas ações, já que muitos moradores ressaltam a educação daqueles jovens que estavam participando do festival de música. Uma observação importante vem do jardineiro Manoel³³ de 50 anos, que afirmava: “os meninos eram mais educados do que muita gente da própria cidade, pois nem pisaram nos jardins, nem arrancaram nenhuma flor”. Contrariando muitos e para a felicidade de outros, o festival aconteceu e ao que parece com certa harmonia, com exceção de “pequenos problemas criados pela embriagues e uma detenção por causa de tóxico, em que um jovem de Itajaí foi preso”³⁴. No mais, foi uma ‘loucura’, um ‘barato’, um ‘sarro’, utilizando o vocabulário *hippie* da época.

30 Ibidem, p. 53.

31 MOSMAMM, Carlos. Festival de música deixou Palhoça mais alegre. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 22 de out. 1974.

32 Zero Hora. Os jovens enfrentaram tudo para participar do festival. Porto Alegre: *Zero Hora*, 21 out. 1974.

33 MOSMAMM, Carlos. Festival de música deixou Palhoça mais alegre. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 22 de out. 1974.

34 Zero Hora. Os jovens enfrentaram tudo para participar do festival. Porto Alegre: *Zero Hora*, 21 out. 1974.

E como afirmou Sérgio Luiz Estoril ao jornal Zero Hora: teve o “poder de reunir gente com mesmas roupas, mesmos gostos e os mesmos problemas”³⁵.

Considerações finais

Uma análise mais geral e comparativa dos jornais nos remete a uma polarização nas matérias que se referem ao tema. Isto porque se de um lado, podemos perceber elogios ao Palhostock, por outro vê-se uma clara tendência crítica aos excessos cometidos pelos jovens, em suas roupas coloridas exageradas e dança alucinante.

O paradoxo elogio/crítica apresenta um embate que deixa transparecer um discurso muito importante, pois quando se elogia e recomenda ou critica e reprime nos depara com muito mais do que orientações de comportamento aos jovens. Tais discursos estão na verdade criando significados para novas gerações que se colocam contra a cultura vigente, contra o modelo conservador, e que está disposta a quebrar tabus mesmo que para isso seja necessário ir ao extremo de uma vida totalmente livre, e o uso excessivo de drogas.

Mesmo que o evento tenha sido considerado por alguns como o marco da entrada de drogas no município, ele vem ainda anunciar as transformações sociais que já vem ocorrendo pelo mundo. Tome-se como exemplo o ‘*Woodstock*’ e o movimento ‘*hippie*’ nos Estados Unidos na década de sessenta, e que foram recebidos largamente pelos jovens no Brasil.

Fontes

Jornal *Correio Lageano*, 16/10/1974, Lages – SC

Jornal *Correio do Povo*, 22/10/1974, Porto Alegre – RS

Jornal *O Estado*, 09,16,19,20/10/1974, Florianópolis – SC

Jornal *O Estado*, 21/10/1984, Florianópolis – SC

Jornal *Folha da Manhã*, 19, 21, 22/10/1974, Porto Alegre – RS

Jornal *O Palhocense*, Fevereiro de 1996, Palhoça – SC

Jornal *Santa Catarina*, 03, 11/10/1974, Blumenau – SC

35 Ibidem.

Jornal *Zero Hora*, 21/10/1974, Porto Alegre – RS

Referências

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

FARIAS, Vilson Francisco de. *Palhoça: natureza, história e cultura*. Florianópolis: Editora do autor, 2004.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes Históricas*. Org. Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo: Contexto. 2005.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. Editora Brasiliense S.A., São Paulo.

Recebido em 27 de novembro de 2013

Aceito para publicação em 07 de março de 2015

